

Matéria publicada na edição impressa do O Globo - 03.05.2009

# Repórter da intimidade

Autor, que vem à Flip, fala do próximo livro, que tem como tema seu casamento de 50 anos

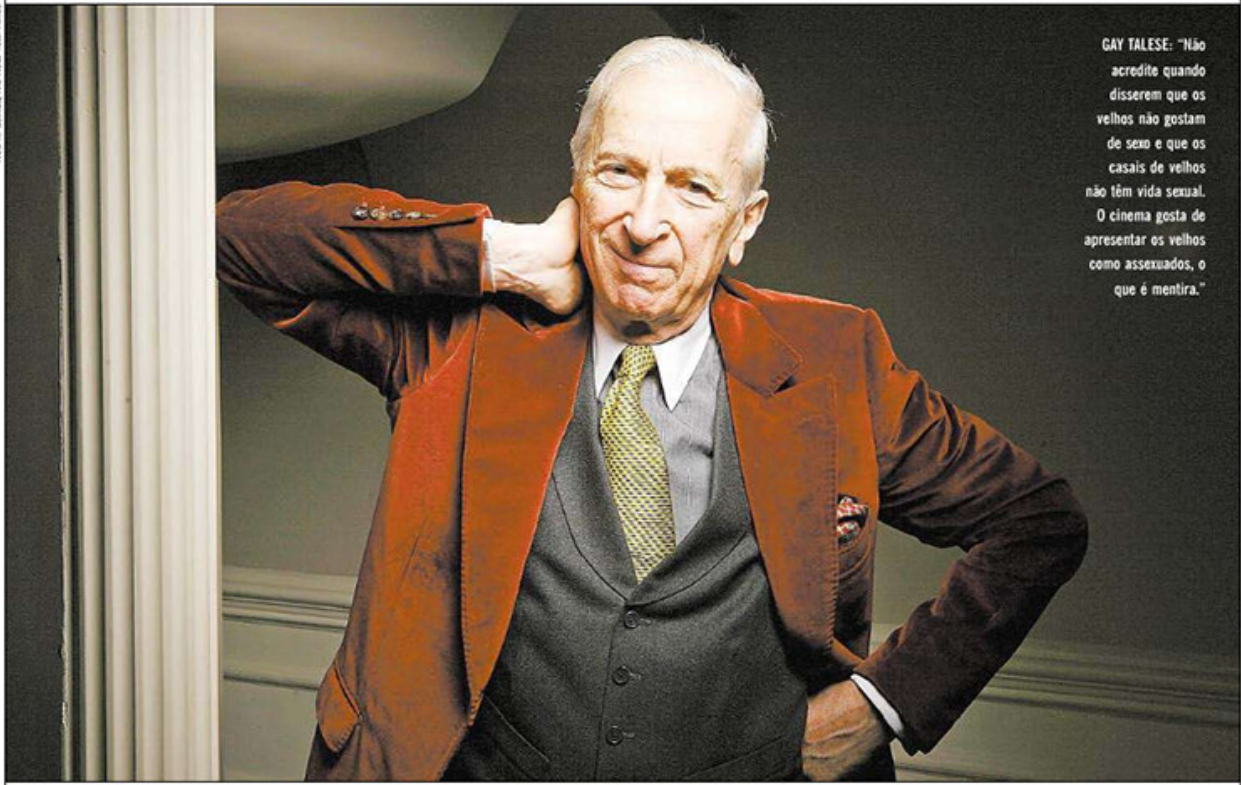
**ENTREVISTA**  
**Gay Talese**

Aos 77 anos, Gay Talese decidiu transformar seu casamento na melhor reportagem de sua vida. O jornalista que escreveu um dos livros mais famosos sobre a revolução sexual nos EUA, ousadamente intitulado "A mulher do próximo" ("The neighbor's wife", na versão original, de 1980), vai finalmente contar os segredos de seus 50 anos de vida conjugal com a mesma mulher. E o cenário dessa reportagem é quase um terceiro personagem da história: há 50 anos, Talese mora com a mulher, Nan, na mesma

casa, uma *townhouse*, no elegante Upper East Side, em Nova York. Foi lá que os dois se conheceram, nos anos 1950, quando o prédio era uma coleção de pequenos apartamentos. Talese vivia no 3F. Lá eles passaram a viver depois de casados, lá educaram duas filhas — Pamela e Catherine — e foram comprando apartamentos, um a um, até adquirirem todo o prédio, em 1973. E é também ali que Talese e Nan vão comemorar meio centenário de vida em comum. Nan é editora da Doubleday Books, vive às voltas com escritores, mas não pretende escrever uma linha sequer no novo livro de

seu marido. Por isso, Talese contratou jornalistas para entrevistá-la sobre suas memórias conjugais. Assim, ele passa em revista seu casamento tendo as duas versões dessa história conjugal. Depois da festa, os dois embarcam para o Brasil, rumo à Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), onde Talese lançará a tradução brasileira de sua autobiografia "Vida de escritor", que, como mostra esta entrevista, conta apenas um pedaço da história de vida do inventor do "New Journalism", um dos jornalistas que revolucionaram o modo de escrever reportagens nos anos 1960.

Fred R. Conrad/STN New York Times



**GAY TALESE:** "Não acredite quando disserem que os velhos não gostam de sexo e que os casais de velhos não têm vida sexual. O cinema gosta de apresentar os velhos como assexuados, o que é mentira."

**Márcia Martins**  
Correspondente • NOVA YORK

**O GLOBO:** O senhor já escreveu duas autobiografias: uma sobre seus anos de formação numa família de imigrantes italianos, "Unto the sons", e outra sobre sua experiência como jornalista e escritor, "Vida de escritor". Por que mais uma?  
**GAY TALESE:** Porque a última parte é sem dúvida a mais interessante. Eu cresci numa família católica italiana, obcecada com o pecado. Aprendi cedo que quem comete pecados e morre sem confessá-los vai para o inferno. Eu sempre fui obcecado por essa gente que vai para o inferno e com os motivos pelos quais vai para lá. Por isso, decidi passar a minha vida a limpo, confessar meus pecados.

**• O livro sobre seu casamento é uma história de amor?**  
**TALESE:** De amor e de ódio. Um casamento é feito de paixão, de raiva e, sobretudo, de paciência. Eu tenho uma coleção de mais de cem cartas escritas pela minha mulher terminando nosso casamento, dizendo adeus, dizendo que seria impossível continuar. E, depois de cada uma delas, sempre houve uma reconciliação.

**• É curioso que o jornalista que tanto defendeu a participação do repórter como personagem de suas matérias e que se envolveu em escândalos para escrever um livro sobre a revolução sexual americana tenha permanecido casado por tanto tempo. Qual a receita para permanecerem juntos 50 anos?**  
**TALESE:** Paciência e bom sexo.

**• Como manter o sexo atraente vivendo tantos anos juntos?**  
**TALESE:** Isso você tem que perguntar à minha mulher. Ela continua uma amante espetacular. Não acredite quando disserem que os velhos não gostam de sexo e que os casais de velhos não têm vida sexual. O cinema gosta de apresentar os velhos como assexuados, o que é mentira.

**• É verdade, no entanto, que suas pesquisas para escrever "A mulher do próximo" quase arruinaram seu casamento?**  
**TALESE:** Minha mulher sempre foi muito reservada, coisa de sua privacidade, enquanto eu sempre vivi uma vida pública. Quem participou dos escândalos fui eu. Ela sempre reagiu com muita dignidade. Eu diria que Nan foi a Hillary Clinton da minha vida: ela

sempre reagiu a tudo com muita dignidade, muita altivez.

**• E sua carreira também ficou abalada com os escândalos da publicação de "A mulher do próximo" e a sua participação em campos de nudismo ou tornando-se cliente de casas de massagem, deixando de lado a famosa imparcialidade jornalística.**

**TALESE:** Em certo sentido, escrever o livro sobre meu casamento me fez compreender melhor aqueles anos. Sim, o livro sobre a revolução sexual foi um escândalo. Houve momentos difíceis na minha vida com Nan naquela época. Os escândalos também tiveram repercussão na minha carreira de jornalista, claro, uma vez que você não pode escrever um livro sobre a revolução sexual americana e esconder-se por trás de um crachá de jornalista. Vivemos um período muito difícil nos anos 1980, quando o livro saiu. Por isso, escrever um livro sobre os meus 50 anos de casamento será escrever a reportagem da minha vida. Tenho colecionado fotos, cartas, depoimentos, fitas gravadas. E contratei repórteres para entrevistarem minha mulher. Assim tive duas versões das mesmas histórias, e ela vai ter voz

no livro. Quero ler a versão de Nan como se fosse alguém de fora.

**• Vamos falar um pouco do jornalismo atual. O senhor é autor de "O reino e o poder", uma história social do jornal "The New York Times", onde trabalhou por muitos anos. O que o senhor acha da crise atual da imprensa, com a queda drástica de vendas de jornais impressos, incluindo o "Times", diante da alta audiência de sites e blogs? O jornalismo investigativo, reinventado pelo senhor com muito estilo nos anos 60, está com os dias contados?**

**TALESE:** De jeito nenhum! Uma boa história sempre terá leitores. E o jornal impresso tem algo de insubstituível: ele dá aos leitores uma visão do conjunto. Um bom leitor não é aquele que é previamente orientado por um objetivo ou um interesse e só lê sobre aqueles assuntos que se relacionam com este objetivo ou interesse. Um bom leitor passava pela leitura e vai aos poucos juntando pedaços da sua história. Isto só o jornal impresso pode dar.

**• Mas o senhor não acha que a difícil situação financeira atual pode levar o "The New York Times" à falência ou então fazer com que a família Sulzberger perca o controle da empresa? O empresário mexicano Carlos Slim já se tornou um sócio importante do jornal.**

**TALESE:** Não acho que a queda atual de vendas seja uma ameaça ao jornalismo impresso. O "New York Times" ainda é um dos melhores jornais do mundo, um dos que mais investem em jornalismo investigativo. Tenho 77 anos e já vi muitos jornais e revistas fecharem durante a minha vida. Mas o interesse por boas histórias, bem apuradas e bem escritas, nunca diminuiu. Acho que a direção do "Times" cometeu alguns erros estratégicos, como o de permitir o acesso ao conteúdo de graça pela internet. Jornalismo bem feito custa caro, e o leitor precisa valorizar o trabalho que está lendo. A direção do "Times" também cometeu alguns erros editoriais, como o de deixar de ter um viés crítico nas reportagens escritas em 2003, no período da invasão do Iraque. O jornal demorou muito para denunciar as mentiras da administração Bush sobre as tais armas de destruição em massa. O resultado é que a imprensa americana perdeu muito de sua credibilidade naquela época.

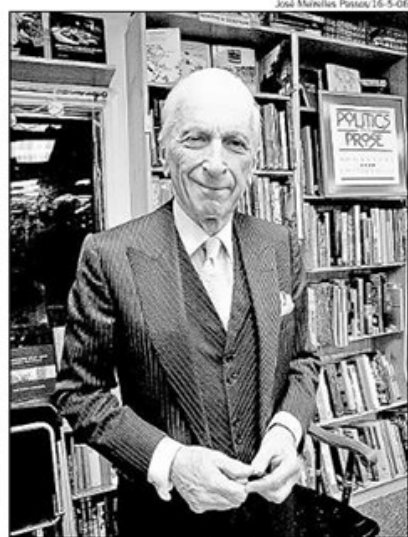
Continua na página 2

## Obama dá nova cara aos EUA

Para Talese, a vida do novo presidente é uma inspiração para seu povo

**• O senhor é um leitor de sites e blogs?**  
**TALESE:** Eu não perco meu tempo. Sites e blogs dão notícias superficiais, apuradas em jantares com fontes, que viram poeira no dia seguinte. Jornalismo é investigação conduzida por alguém que exercita seu ceticismo a cada momento. Não é o caso dessa gente. Eles são como boa parte dos profissionais de televisão: passam a vida como piratas, tentando roubar as boas histórias que leem nos bons jornais.

**• Dois de seus livros mais famosos, "Honor thy father" (1971), sobre uma família mafiosa nos EUA, e "A mulher do próximo" (1980), acabam de ganhar uma nova edição nos EUA. Será que a mistura de puritanismo e de obsessão por sexo ainda é a marca dos EUA de hoje como era quando seu livro sobre a revolução sexual se tornou um escândalo-sucesso? Ou o país se tornou mais liberal e tolerante?**  
**TALESE:** Essa mistura de puritanismo e obsessão sexual não mudou. Basta você pensar no escândalo que derrubou o governador de Nova York, Eliot Spitzer, por ser o cliente número 9 de um serviço de prostituição oferecido pela internet. A prostituição não está



**GAY TALESE:** "Os Obamas são muito superiores aos Kennedys"

nas ruas, está em serviços online ou em classificadas. Os Estados Unidos continuam a viver sob o mesmo puritanismo de sempre, a liberdade sexual continua a escandalizar, só que agora com uma tecnologia diferente.

**• O senhor estudou na Universidade do Alabama, quando ali ainda se vivia em tempos**

**de segregação, e foi testemunha dos muitos anos da luta pelos direitos civis dos negros americanos. O que o senhor acha da eleição de Barack Obama?**  
**TALESE:** Fiquei muito feliz e otimista com a vitória de Obama. Acho que ele deu uma nova cara para os EUA diante do mundo e, além disso, é uma inspiração para a gente pobre. A mãe de Barack Obama operou um verdadeiro milagre: teve dois casamentos ruins e, mesmo assim, conseguiu educar maravilhosamente seus filhos. Obama é um homem refinado, elegante, inteligente, bem educado. Ele forma com sua mulher, Michelle, um casal em tudo superior ao casal John e Jackie Kennedy, que virou lenda na Casa Branca. Jackie era uma *sociolite* deslumbrada que queria ser francesa e estar sempre no mundo *high society*. Seu marido, John, era um *playboy* de família rica. Barack Obama é um verdadeiro *self made man*, um homem que se fez por si mesmo, e sua mulher leva para a Casa Branca os valores mais preciosos das mulheres trabalhadoras, que cuidam de suas famílias. Os Obamas são muito superiores aos Kennedys, não tenho dúvida.